

## AMOR À POBREZA SACERDOTAL \*

P. MIGUEL FALCÃO

### O exemplo de S. Francisco de Assis

Celebra hoje a Igreja a memória de S. Francisco de Assis, um Santo sempre actual, mas particularmente neste tempo tão dominado pela procura da satisfação que nos traz a posse e o uso dos bens materiais – com a consequência do abuso deles, do esquecimento das necessidades alheias, não recuando ante meios desonestos para prejudicar.

Como é bem sabido, Francisco Bernardone <sup>1</sup> teve uma juventude sem cuidados, pois o pai era um rico comerciante de tecidos. A sua sensibilidade poética fazia-lhe perceber com intensidade os sofrimentos humanos e a linguagem da criação.

Depois de abandonar a vida de negócios que o pai esperava dele, ao assistir à Missa num dia de Fevereiro de 1209 (24-II-1209), escutou na leitura do Evangelho uma passagem de S. Mateus (*Mt* 10, 1-15; cf. *Lc* 9, 1-6), que despertou nele a vocação para uma vida apostólica dentro de uma pobreza absoluta.

Procuremos meditar também nós essa passagem.

Dizia o Evangelho: Jesus, “chamando a si os doze discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos imundos, para os expulsarem e para curarem todas as doenças e todas as enfermidades” (v. 1) – Era uma missão entusiasmante para os Apóstolos que Jesus acabava de escolher, e para Francisco, e para nós: fazer o maior bem possível, ajudando os nossos irmãos a libertarem-se do sofrimento profundo que transtorna uma pessoa, sofrimento provocado pelas enfermidades do corpo e da alma, pelas tentações e pecados.

“A estes doze enviou Jesus, depois de lhes dar as seguintes instruções: (...) Ide e pregai, dizendo: Está próximo o Reino dos Céus” (vv. 5 e 7). – Não se trata de uma acção simplesmente humana, trata-se de anunciar e cooperar com uma acção divina, que é a graça de Deus.

“Curai enfermos, ressuscitai mortos, limpai leprosos, expulsai demónios” (v. 8 a). – Para serem possíveis estes efeitos extraordinários, era preciso vencer a repugnância natural em aproximar-se e conviver com a miséria humana. Francisco já começara esta experiência, que lhe custou muito vencer, e que ele atribuía à graça divina.

Para os Apóstolos realizarem a missão a que os enviava, Jesus advertiu-os: “Dai de graça o que de graça recebestes” (v. 8 b). – O que de graça receberam os Apóstolos era o poder de curar as enfermidades e de expulsar os demónios, como nós recebemos o poder de consolar e de perdoar os pecados.

“Não procureis ouro nem prata nem dinheiro para os vossos cintos, nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado nem bordão, pois o trabalhador tem direito ao seu sustento” (vv. 9-10). – É clara a recomendação que Jesus dá aos seus Apóstolos: não se preocupem com o dinheiro, com o que necessitam de comer, de vestir, de se abrigar. Deus providenciará, através das pessoas que encontrarem. Parece um modo de viver desajustado para a nossa época e para a nossa vida. Assim pensavam também muitos eclesiásticos no tempo de Francisco, e os desvios estavam a ser desastrosos para a vida da Igreja. Francisco entendeu que Deus lhe pedia precisamente aquilo: pregar o Evangelho, completamente desprendido dos meios materiais, confiando

---

\* Texto das duas meditações proferidas na colecção para sacerdotes, organizada pela diocese de Leiria-Fátima no Santuário de Fátima, em 4-X-2010, Memória de S. Francisco de Assis.

<sup>1</sup> Nasceu em fins de 1181 ou princípios de 1182; recebeu os estigmas em 17-IX-1224; morreu em 3-X-1226; foi canonizado em 16-VII-1228 (cf. *Gran Enciclopedia Rialp* [GER], Ediciones Rialp, Madrid 1979, tomo X, p. 486).

inteiramente no nosso Pai Deus, através da bondade dos homens e da prodigalidade da Natureza.

Talvez o Senhor não chame a todos nós a seguir o mesmo caminho de Francisco. Quando pregamos este Evangelho ao povo, preferimos falar de desprendimento interior dos bens materiais, de viver com sobriedade, de evitar a preocupação excessiva dos meios humanos, de confiar mais na generosidade das pessoas e na Providência de Deus. Fazemo-lo sinceramente para não exigir a todos os que nos escutam um caminho que só muito poucas pessoas são capazes de seguir, e para que todos não deixem de aproximar-se de algum modo desse ideal.

É verdade que, nas vésperas da sua Paixão, Jesus dirá: “Agora, quem tem uma bolsa que a tome, e igualmente o alforge” (Lc 22, 36). Assim entendemos melhor: junto do desprendimento e confiança total na Providência de Deus, devemos contar com os meios normais para a realização da missão apostólica, como o próprio Jesus mostrará ao contar com uns pães e peixes para a sua multiplicação. Mas sempre haverá desproporção entre os meios humanos usados e a eficácia sobrenatural <sup>2</sup>.

No entanto, há tempos, encontrei numa viagem de comboio um antigo professor da Universidade, que pelo menos ia à Missa ao domingo. Dizia-me que tinha estranhado numa ocasião que o sacerdote, ao comentar um Evangelho semelhante, procurara suavizar a radicalidade do convite de Jesus. Como se vê, sempre há almas abertas à Palavra de Cristo!

Perante a luz da Palavra de Deus que o inundou, Francisco decidiu-se de uma vez para sempre a seguir o chamamento de Jesus. O Evangelho seria a sua norma suprema de vida e de pregação; e passou a vestir apenas uma túnica cingida por uma corda, desprendendo-se do calçado. Dedicou-se a pregar a penitência, ou seja, a conversão a uma vida conforme ao Evangelho, saudando as pessoas com aquele “O Senhor vos dê a paz!”

Foi o fermento de que fala o Evangelho. Não tardou em se lhe unirem alguns companheiros, desejosos de compartilharem aquela pobreza alegre e apostolicamente fecunda. Sem o pretender, Francisco viu-se à frente de uma fraternidade animada de um surpreendente movimento de renovação. Naquele tempo proliferavam movimentos críticos das riquezas acumuladas nas instituições eclesíásticas (abadias e dioceses) e do modo de vida luxuoso de eclesíásticos e monges; muitos desses movimentos acabavam por ser heréticos, indo contra a fé, a autoridade da Igreja e a autoridade civil. Por isso, Francisco teve o cuidado de dirigir-se a Roma para obter do Papa Inocêncio III aprovação e autorização para o seu género de “vida segundo o Evangelho”, ou como dizia a Regra, “segundo a pobreza e a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Tinha início, assim, a Ordem mendicante franciscana.

### **Aprender da vida de Jesus**

Como Francisco, voltemos ao Evangelho para aprendermos a viver a virtude cristã da pobreza, inspirando-nos na vida e nas palavras do próprio Jesus, Deus feito homem como nós. Antes de continuarmos, porém, procuremos esclarecer os conceitos paralelos relacionados com a pobreza.

Francisco quis seguir a pobreza vivida e pregada por Jesus. É a *virtude cristã da pobreza*, para a qual a Igreja continua a exortar todos os fiéis <sup>3</sup>. Jesus, ao mesmo tempo

---

<sup>2</sup> Cf. F. FERNÁNDEZ-CARVAJAL, *Falar com Deus*, Quadrante, São Paulo 1991, V, n. 12 c.

<sup>3</sup> “Assim, todos os fiéis são chamados e obrigados a tender para a santidade e perfeição do próprio estado. Procurem, por isso, ordenar rectamente os seus afectos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito de pobreza evangélica, segundo o conselho do Apóstolo: «os que usam deste mundo, façam-no

que levava uma vida corrente, nalgumas ocasiões encontrou-se sem os meios necessários – *pobreza material* – e noutras ocasiões desfrutou de meios de qualidade. A pobreza material pode ser escolhida – *pobreza voluntária* –, ou simplesmente aceite (por resignação ou voluntariamente), ou então intimamente rejeitada (com ou sem revolta). Pelo seu lado, a posse e uso de bens de qualidade ou abundantes podem ser exclusivas do próprio (*egoísmo*), ou ordenadas à virtude (*desprendimento dos bens materiais* ou *pobreza em espírito*); podem ser partilhadas com os necessitados (*caridade*) ou não estarem à disposição de ninguém nem do próprio (*avareza*). Francisco de Assis seguiu a pobreza material e o desprendimento total de Cristo (cf. *Flp* 2, 5-8).

Duma mesma fonte podem nascer vários cursos de água, vários caminhos de santidade. A pobreza não é virtude somente para os que se afastam do mundo, os religiosos. Os cristãos em geral e os sacerdotes seculares necessitam de a viver no meio do mundo, como aliás todas as virtudes cristãs. O espírito evangélico é o mesmo, o modo de vivê-lo varia com a condição de vida<sup>4</sup>.

Por que olhar para Jesus, para a sua vida e as suas palavras? Explica o Concílio Vaticano II: “Cristo instaurou na terra o Reino de Deus, manifestou o Pai e manifestou-se a Si mesmo com palavras e obras” (*Dei Verbum*, 17). Através de Jesus, conhecemos a Vontade de Deus.

Jesus é a plenitude da Revelação de Deus. “Jesus Cristo, Verbo Incarnado, enviado como homem aos homens, fala as palavras de Deus e realiza a obra da salvação que o Pai lhe confiou” (*DV*, 4). “Quem me vê, vê o Pai”, diz ao Apóstolo Filipe (*Jo* 14, 9), vê Deus. “Eu estou no Pai e o Pai está em mim. As palavras que Eu vos digo, não as digo por mim mesmo; é o Pai que, permanecendo em mim, realiza as suas obras” (*Jo* 14, 10). Jesus revela-nos a Vida e a Vontade de Deus, não só pelas suas palavras, mas antes ainda pela sua própria vida: vida e doutrina recolhidas substancialmente nos Evangelhos (cf. *DV*, 18-19).

S. Paulo resume aos primeiros cristãos de Corinto a eficácia salvífica da pobreza de Cristo: “Conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico” – Ele é o Onnipotente –, “se fez pobre por vosso amor, para que fôsseis ricos com a sua pobreza” (*2 Cor* 8, 9).

Como Onnipotente que é Deus, as circunstâncias da vida de Jesus foram previstas precisamente por Deus, actuando sempre a Providência divina.

Assim, podemos dizer que correspondeu a um querer de Deus que Jesus nascesse fora da sua casa e num curral de animais. José e Maria, para cumprirem um mandato imperial, vão de Nazaré onde vivem para Belém, a terra dos antepassados. “E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz, e deu à luz o seu filho primogénito, que envolveu em panos e reclinou numa manjedoura, por não haver para eles lugar na estalagem” (*Lc* 2, 6-7).

Este querer de Deus está cheio de significado para nós, mostra-nos como se vive a pobreza. Além de José e Maria constituírem uma família modesta, não só aceitaram as incomodidades de uma viagem para cumprirem o seu dever, como tiveram de prescindir de muitas coisas que Maria estaria a preparar em Nazaré para o cuidado do Menino. Levaram consigo para a viagem o imprescindível.

Em Belém, certamente caberia mais um casal na estalagem da terra, onde se aglomeravam as pessoas e os animais que iam chegando. No entanto, ante a iminência do parto, José prefere um local recatado, digno, embora inóspito.

Os frutos salvíficos não tardam a chegar. Primeiro, são aqueles pastores humildes, que não têm dificuldade em acreditar na mensagem do Anjo de que nascera o Messias

---

como se dele não usassem, pois é transitório o cenário deste mundo» (*1 Cor* 7, 31)” (*Lumen gentium*, 42 e; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2545).

<sup>4</sup> Cf. F. FERNÁNDEZ-CARVAJAL, *Falar com Deus*, cit., VII, n. 32 a.

por quem tanto suspiravam: “Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria, para todo o povo: nasceu-vos hoje na cidade de David o Salvador, que é o Messias Senhor!” (Lc 2, 10-11). Depois de verem o Menino deitado na manjedoura, como qualquer menino, “voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido” (Lc 2, 20).

Sem se aperceberem, José e Maria tinham cumprido a profecia segundo a qual o Messias devia nascer em Belém. E foi o conhecimento desta profecia que permitiu aos Magos do Oriente encontrarem também o Menino (cf. Mt 2, 1-10). “E, ao entrarem na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e prostrando-se por terra, adoraram-no” (Mt 2, 11).

Se é habitual pensar que os pastores de Belém tenham oferecido a José e Maria alguns bens alimentares que os ajudaram naqueles dias, no caso dos Magos é o Evangelho a dizer que ofereceram em presente ouro, incenso e mirra (cf. Mt 2, 11). Como nós costumamos fazer, José aceitaria tudo o que era dado de boa vontade. Neste caso, o ouro havia de servir muito oportunamente para poderem iniciar uma nova vida no Egito, para onde tiveram de fugir apressadamente. Era a Providência divina, em que José e Maria continuaram a confiar, vivendo na incerteza do tempo em que iriam demorar a regressar.

Depois do regresso a Nazaré, Jesus viveu a pobreza própria da sua família. Viviam do trabalho de José, a quem Jesus passaria a ajudar e a quem sucederia no ofício, de modo a ser conhecido na terra como “o filho do carpinteiro” (Mt 13, 55; Mc 6, 3). Ajudaria a Mãe nos pormenores do cuidado da casa. A pobreza está muito unida à dedicação ao trabalho, à laboriosidade. E Jesus crescia agradecendo ao seu Pai Deus o alimento, o vestuário e o abrigo que tinha, sem caprichos<sup>5</sup>.

Faz-nos recordar a nossa própria vivência da pobreza, da sobriedade e da generosidade, em casa dos nossos pais. Pormenores constantes, que agora nos facilitam um desprendimento crescente. Por exemplo, o cuidado na limpeza da casa e do vestuário, a sobriedade nas refeições, evitar fazermos colecção de máquinas de filmar ou gravar, adquirir um modelo de carro ajustado à nossa condição, comprar livros que nos sejam verdadeiramente úteis, quer pela boa doutrina de fé e moral que contêm, quer pelo seu valor cultural e de distração<sup>6</sup>.

“Reparte com alegria, como a Jacinta”, é o lema do Santuário de Fátima para este ano de 2010<sup>7</sup>. Certamente aprendemos isso dos nossos pais. Nalgumas terras, é habitual irem os pedintes à porta das casas; e as mães sempre entregam a um dos filhos pequenos algum pão, ou dinheiro, ou roupa, para irem dar ao pedinte, que agradece com uma oração.

A Madre Teresa de Calcutá contava como influiu na sua sensibilidade para com os miseráveis dessa cidade o que vivera na sua casa na Albânia: de vez em quando, encontrava pessoas desconhecidas sentadas à mesa para tomarem uma das refeições e, quando perguntava quem eram, a mãe dizia que eram “parentes afastados” que tinham chegado. Na verdade, é bom recordar que somos todos irmãos em Adão e em Cristo.

Também na nossa família aprendemos a fazer bom uso do dinheiro, gastando para o que era necessário, evitando caprichos e comodismos, sendo generosos na esmola na igreja ou ao pobre necessitado. É bom saber distinguir entre o necessário, o conveniente, o suficiente, o supérfluo e o inconveniente.

---

<sup>5</sup> Como veremos adiante, vive-se a pobreza cristã quando se usam os bens materiais com acção de graças a Deus, que é quem no-los concede verdadeiramente (cf. *1 Tim*, 4, 3-5).

<sup>6</sup> Cf. RAFAEL LLANO CIFUENTES, *Sacerdotes para o terceiro milénio*, Editora Santuário, Aparecida-SP 2009, p. 134.

<sup>7</sup> Cf. SANTUÁRIO DE FÁTIMA, *Calendário de Actividades 2010*.

Mais tarde, compreendemos que também era pobreza respeitar os bens dos outros, devolvendo a tempo o que nos emprestavam, não atrasando a remuneração do trabalho realizado, não regateando com pessoas de poucas posses.

Este terá sido o estilo de vida que Jesus seguiu depois no seu ministério público, com desprendimento total dos bens materiais, com a única preocupação de cumprir a Vontade do seu Pai Deus <sup>8</sup>, tal como nós sacerdotes somos convidados, à semelhança dos Apóstolos: “Dai de graça o que de graça recebestes” (Mt 10, 8).

Por causa das suas correrias apostólicas, Jesus e os Apóstolos nem sempre tinham tempo para comer (cf. Mt 12, 1; 21, 18; Jo 4, 7), ou para descansar (cf. Mt 6, 31). Jesus aceita a hospitalidade de pessoas amigas (como os irmãos de Betânia, cf. Mt 21, 17), bem como a assistência das santas mulheres (cf. Lc 8, 2-3). Tinham uma bolsa comum, onde juntavam o que podiam ganhar com o trabalho ou receber de pessoas generosas, e da qual se serviam todos segundo as necessidades de cada um, socorrendo também os necessitados (cf. Jo 13, 29).

Ao mesmo tempo, Jesus levava uma vida normal para um Rabi ou Mestre. Andava de um lado para o outro, infatigavelmente (cf. Lc 10, 38 ss; Jo 2, 1ss), aceitava refeições condignas de pessoas amigas (como Mateus, cf. Mt 9, 10; e Zaqueu, cf. Lc 19, 5-7) e de fariseus (cf. Lc 7, 36; 14, 1), ao ponto de ser acusado de “glutão e bebedor” (Mt 11, 19). Usava uma “túnica sem costuras, tecida de cima abaixo” (Jo 19, 23).

No entanto, jejuava voluntariamente quarenta dias e quarenta noites (cf. Mt 4, 2; Lc 4, 2), por vezes passa fome e sede (cf. Mt 12, 1; Jo 4, 6-7), “não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 20); e morre despojado das suas vestes (cf. Jo 19, 23-24), completamente desonrado, tido como blasfemo e malfeitor.

Porquê Jesus, o Filho de Deus, quis decididamente viver e morrer pobre, mesmo sem o mínimo necessário? Para nos ensinar a travar uma das três concupiscências do homem, fonte de inúmeros pecados, o primeiro dos quais é a oposição a Deus, elevando a ídolo as riquezas, a posse desordenada dos bens materiais: “Ninguém pode servir a dois senhores. (...) Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6, 24), advertiu Jesus.

Quem não esteja disposto a desprender-se de tudo, em particular das comodidades e das satisfações dos bens materiais, não poderá ser contemplativo nem apóstolo, porque essa preocupação pelas coisas materiais o impedirá de estar pendente de Deus e das necessidades dos outros.

A nossa época, afastando-se cada vez mais de Deus, ao ponto de se viver como se Deus não existisse, acabou por centrar-se no homem – não na pessoa, que é um ser aberto ao outro, mas apenas no indivíduo –, buscando uma felicidade imediata, sensível, material. Podemos ler na última Carta Pastoral do Bispo de Leiria-Fátima, de 28 de Agosto passado, um diagnóstico claro: “A cultura dominante do nosso quotidiano está muito marcada pelo individualismo calculista. *Pensa em ti*, é a advertência que ouvimos desde pequenos. A defesa de si mesmo, dos próprios interesses e do próprio dinheiro é, tantas vezes, a primeira e, porventura, a única preocupação de muitos. Uma cultura que quer contabilizar tudo e deseja que tudo seja pago perde o sentido do dom, do serviço aos outros, da solidariedade, e gera marginalização”<sup>9</sup>.

O *voluntariado* e a *gratuidade*, de que fala o Santo Padre <sup>10</sup>, e que podemos encontrar até em ambientes não crentes, são duas esperanças de que a humanidade volte a descobrir a importância do dar-se <sup>11</sup>.

<sup>8</sup> “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4, 34).

<sup>9</sup> D. ANTÓNIO MARTO, *Carta Pastoral “Chamados à Caridade”*, 28-VIII-2010, n. 1.2.

<sup>10</sup> Em relação ao *voluntariado*, cf. BENTO XVI, Enc. *Deus caritas est*, 25-XII-2005, n. 30 b).

Em relação à *gratuidade*, cf. BENTO XVI, Enc. *Caritas in veritate*, 29-VI-2009, nn. 6 b, 34 a, 36 d, 38 e 39 b.

<sup>11</sup> O *voluntariado* é sobejamente conhecido em todos os níveis.

Um exemplo de *gratuidade* pode-se ver na *Associação Portuguesa de Canonistas*, fundada em 1990, cujas receitas têm sido praticamente as provenientes das quotas dos sócios: as suas publicações são

Quanto mais uma pessoa se centra em si mesma, mais se esquece do outro; quanto mais se abandona a virtude da pobreza, do desprendimento, apegando-se pelo contrário aos bens materiais, mais estes faltam aos outros, aumenta neles a pobreza material. 2010 foi declarado o “Ano Europeu de combate à pobreza” material neste continente, para que não haja ninguém que não disponha de certas condições materiais consideradas indispensáveis. Como será possível, se se continua a fomentar o egoísmo individual e colectivo, com a generalização do aborto e da eutanásia, do racismo e da corrupção? Assim, muitos são espoliados de bens materiais; outros, da própria vida!

### Os ensinamentos de Jesus

O estilo de vida que Jesus levou e que foi contagiando os Apóstolos encontra-se plasmado nos seus constantes ensinamentos, quer ao povo em geral, quer aos discípulos em particular.

Voltemos a meditar o Evangelho.

“Vendo Ele as multidões, subiu ao monte e, sentando-se, aproximaram-se os discípulos; e, tomando a palavra, ensinava-os” (*Mt 5, 1-2*).

O Sermão da montanha começa com uma bem-aventurança: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (*Mt 5, 3*). No seu livro *Jesus de Nazaré*, Bento XVI diz que Francisco de Assis foi quem “traduziu de forma mais intensa esta Bem-aventurança na existência humana”, tornando-a mais compreensível na sua radicalidade<sup>12</sup>. “Os Santos são os autênticos intérpretes da Sagrada Escritura”<sup>13</sup>, escreve o Papa. É por isso que gostamos de saborear os comentários dos Santos à Palavra de Deus.

Para Jesus, *pobre* é o que se reconhece necessitado, o humilde, e, por isso, pede confiadamente ajuda, sobretudo a Deus, sabendo que não tem nenhum merecimento. A tradição da Igreja vê no pobre que é bem-aventurado o homem que confia em Deus e não nos bens materiais, de que está desprendido.

Por isso, embora trabalhe por ter os meios necessários para levar uma vida digna, para si e a sua família, e contribuir para as necessidades dos outros, sabe que esses bens devem estar subordinados a Deus.

Daí que o trabalho com o qual procura conseguir os bens materiais deva estar moderado pela obrigação de atenção da família e educação dos filhos, pelo descanso adequado, pela formação espiritual e doutrinal, pelo cumprimento dos deveres religiosos. Mais uma vez vemos como o trabalho pode reflectir a pobreza.

É legítimo querer melhorar o nível de vida, própria e da família, evitando saltos bruscos – como seria a figura do novo-rico – e o estilo luxuoso – que supõe mais do que o supérfluo.

Com o espírito de pobreza, usam-se os bens terrenos, sem se apegar a eles. Para isso, convém prescindir voluntariamente deles algumas vezes, não perder a alegria e a paz quando nos faltam, trabalhar por voltar a tê-los, partilhar com outros mais necessitados. Pode passar despercebido este desprendimento, mas não deixa de ser real.

No nosso caso de sacerdotes, é até obrigação de justiça prover generosamente às pessoas, de família ou não, que nos atendem; também, cuidar das pessoas de família que tenhamos a nosso cargo; mas não, servir-se dos bens que o povo entrega para enriquecer a nossa família; antes, destinar tudo o que possamos às obras de apostolado e de caridade e ao culto divino.

---

distribuídas aos sócios, e igualmente a qualquer pessoa interessada, com o desejo de contribuir para o conhecimento do Direito Canónico. Também se pode ver nos *Museus* do nosso país, que proporcionam entrada livre uma vez por semana, com o objectivo de difundir a cultura nos cidadãos.

<sup>12</sup> Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Lisboa 2007, pp. 115-117.

<sup>13</sup> Cf. *Ibidem*, p. 115.

Nas semanas passadas, a Liturgia da Missa e a Liturgia das Horas apresentaram-nos frequentes textos em que facilmente tínhamos presente a pobreza: a parábola do filho pródigo e a do administrador infiel, a vocação de S. Mateus, a parábola do rico epulão e do pobre Lázaro, a reacção de Job ante a perda dos seus bens e da sua saúde.

Como líamos numa das leituras da Liturgia das Horas, S. Leão Magno, num Sermão sobre as Bem-aventuranças, explicava: “Bem-aventurada aquela pobreza que não se deixa dominar pelo amor dos bens temporais, nem põe toda a sua ambição em aumentar as riquezas deste mundo, mas deseja acima de tudo a riqueza dos bens celestes!” E o Papa mostrava como a radicalidade em vivê-la influi decididamente nos outros: “Depois do Senhor, os Apóstolos foram os primeiros a dar-nos o exemplo desta magnânima pobreza. À voz do divino Mestre deixaram tudo o que tinham; num momento, passaram de pescadores de peixes [*pesca material, legítima*] a pescadores de homens [*pesca espiritual, mais necessária*] e conseguiram que muitos, imitando a sua fé, seguissem o mesmo caminho. Com efeito, entre aqueles primeiros filhos da Igreja, *todos os crentes tinham um só coração e uma só alma*”<sup>14</sup>. E os Actos dos Apóstolos continuam: “ninguém considerava como seu o que possuía, mas tinham todas as coisas em comum” (*Act 4, 32*).

O jovem rico que um dia, levado por uma sã inquietação, procurou Jesus deixamos um exemplo claro das condições para corresponder ao chamamento divino à vida apostólica (cf. *Mc 10, 17 ss*), sacerdotal ou não – pois Jesus tinha muitos discípulos dedicados, homens e mulheres, embora Apóstolos apenas os doze.

Quando o jovem disse que cumpria os mandamentos desde a sua juventude, “Jesus fitou-o com amor e disse-lhe: Uma só coisa te falta. Vai, vende quanto tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me” (v. 21). Embora de fugida, reparemos que Jesus não lhe diz que traga a sua fortuna para a bolsa comum dos Apóstolos: é uma delicadeza extrema de desprendimento divino, que nós também vivemos pelo menos quando exercemos o ministério da confissão.

O diálogo com o jovem rico refere um chamamento mais concreto, uma vocação apostólica, semelhante à nossa vocação sacerdotal. Jesus convida-o a ser seu discípulo, uma vocação dirigida àqueles que quer ter mais perto de si para o apostolado. Mais tarde, quando o Espírito Santo suscitar na Igreja a vida eremítica, a vida monástica e a vida religiosa em geral, hão de inspirar-se neste episódio para meditarem na necessidade do desprendimento dos bens materiais. No entanto, desde o início, é uma condição para aqueles a quem Jesus chama a acompanhá-lo mais de perto, homens e mulheres.

Podemos ter dificuldade em entender este chamamento para nós, sacerdotes seculares, habituados a viver no meio do mundo, com as exigências que isso supõe e a pressão de um ambiente marcado pelo naturalismo. Contudo, as palavras de Jesus são claras: aos seus discípulos – e nós contamos-nos entre eles, pois somos os continuadores dos Apóstolos – Jesus pede uma renúncia completa, para que não haja nenhum obstáculo para a intimidade com Deus (*a vida contemplativa*) e para a dedicação às almas (*a vida apostólica*).

### **O magistério conciliar**

Que nos diz acerca desta matéria o Concílio e o Magistério posterior da Igreja?

O Concílio Vaticano II recorda a todos os cristãos o seguimento de Cristo, pobre e humilde: “Nos vários géneros e ocupações da vida, é sempre a mesma a santidade que é cultivada por aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus e, obedecendo à voz do Pai e adorando-o em espírito e verdade, seguem a Cristo pobre, humilde e carregado com a Cruz, para merecerem participar na sua glória” (*LG, 41 a*). Adiante, faz referência

---

<sup>14</sup> S. LEÃO MAGNO, *Sermão sobre as Bem-aventuranças*, in *Liturgia das Horas*, Semana XXII do Tempo comum, Sexta-feira, Ofício de Leitura.

aos que seguem Cristo mais de perto: “A Mãe a Igreja rejubila por encontrar no seu seio muitos homens e mulheres que seguem mais de perto a aniquilação do Salvador e a manifestam mais claramente, abraçando a pobreza, com a liberdade dos filhos de Deus, e renunciando à sua vontade própria (LG, 42 d).

Pensava-se que era uma referência aos religiosos; mas quando, também no nosso tempo, há muitos cristãos que seguem este espírito no meio do mundo, mesmo sem consagração nenhuma, parece lógico que também se aplique aos sacerdotes, que Cristo escolheu para seus ministros, administradores da sua palavra e da sua graça.

Aliás, o próprio Concílio, tendo presente os candidatos ao sacerdócio, dizia no *Decreto sobre a formação sacerdotal*: “Sejam formados, com particular solícitude, na obediência sacerdotal, na vida de pobreza e no espírito de abnegação, de tal maneira que se habituem a renunciar sem hesitação mesmo naquilo que, embora lícito, não é conveniente, e a conformar-se com Cristo crucificado” (OT, 9 c).

Basta recordar como, durante a preparação para o sacerdócio, nos ajudaram a viver esse espírito de pobreza, de sobriedade e de renúncia, para desejarmos continuar no mesmo sentido. Certamente, a formação não pode ser a imposição de uma disciplina, mas antes deve ser exortação e exemplo de uma vida espiritual de preparação para a vida sacerdotal: a dificuldade em levar essa vida pode estimular a empregar melhor os meios humanos e sobrenaturais, ou então a reconhecer que será porventura outro o seu caminho de discípulo de Cristo.

Aos presbíteros, o Concílio exorta a viver a pobreza no meio do mundo, exemplificando com algumas ideias (cf. PO, 17), como lemos no *Decreto sobre a sua vida e ministério*.

Assim, aprendam “a estimar os bens criados como dons de Deus”, isto é, usando-os ordenadamente com acção de graças, com “aquela liberdade pela qual, libertos de todo o cuidado desordenado, se tornam dóceis para ouvir quotidianamente a voz divina”, ou seja, a Vontade de Deus.

Esta atitude perante o uso dos bens criados é importante por vivermos no meio do mundo e aí darmos o nosso testemunho. “Os bens criados são absolutamente necessários ao aperfeiçoamento pessoal do homem, pelo que [os sacerdotes] devem mostrar-se agradecidos por todos os dons que o Pai celeste lhes concede para viverem convenientemente”, “sujeitando o uso desses bens em conformidade com a Vontade de Deus e rejeitando tudo aquilo que for prejudicial à sua missão” (PO, 17 a).

E continua, alertando, o *Decreto conciliar sobre a vida e o ministério dos presbíteros*: “Os sacerdotes devem usar os bens temporais unicamente para os fins a que, segundo a doutrina de Cristo e as determinações da Igreja, é lícito destiná-los”, ou seja, “em ordem ao culto divino, para a honesta sustentação do clero e para o exercício de obras de caridade e apostolado, de um modo especial para com os pobres”. Mesmo “os bens que adquiram pelo exercício do seu ministério eclesiástico, (...) empreguem-nos em primeiro lugar para a sua honesta sustentação e desempenho dos deveres do próprio estado; os que sobejarem apliquem-nos em proveito da Igreja ou em obras de caridade”. Por conseguinte, “não possuam os cargos eclesiásticos para lucro, nem empreguem os rendimentos provenientes deles para enriquecimento da própria família” (PO, 17 b-c).

“Mais: são convidados a abraçar a pobreza voluntária, pela qual se assemelham manifestamente a Cristo e se tornam mais bem dispostos para o sagrado ministério” (PO, 17 d), não fazendo acepção de pessoas, excedendo-se no ministério quando solicitado. Como se vê, a vida de pobreza dispõe-nos para a realização frutuosa do ministério sacerdotal, quer pela união com Cristo deixando passar a sua graça, quer pela dedicação desinteressada ao trabalho pastoral. “A pobreza é essencialíssima. (...)”

Redunda na vida de entrega e na eficácia ou ineficácia do nosso apostolado”<sup>15</sup>, dizia outro Santo, o Fundador do Opus Dei, aos seus filhos espirituais, animando-os a santificarem-se no meio do mundo.

“Também um certo uso comum das coisas, à semelhança da comunhão de bens louvada na Igreja primitiva (cf. *Act* 2, 42-47), prepara óptimo caminho para a caridade pastoral” (*PO*, 17 d). No entanto, se é recomendável, parece que nem sempre é aconselhável, dependendo das pessoas concretas.

A fim de não fazerem acepção de pessoas, os sacerdotes “devem evitar tudo aquilo que possa afastar os pobres, pondo de parte, mais do que todos os outros discípulos de Cristo, toda a espécie de vaidade nas suas coisas. Disponham a sua casa de tal modo que esteja acessível a toda a gente, por mais humilde que seja” (*PO*, 17 e).

O *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros* (1994), retomando as directrizes do Vaticano II, da Exortação apostólica *Pastores dabo vobis* (1992) e as normas do Código de Direito Canónico (1983), recorda também que “difícilmente o sacerdote se tornará servo e ministro dos seus fiéis, se estiver excessivamente preocupado com as suas comodidades e com um excessivo bem-estar” (n. 67 a).

Mesmo “o presbítero que não tenha assumido a pobreza com uma promessa pública, deve levar uma vida simples e abster-se de tudo o que pode ter sabor de vaidade, abraçando assim a pobreza voluntária, para seguir mais de perto Cristo. Em tudo (habitação, meios de transporte, férias, etc.), o presbítero deve eliminar todo o tipo de requinte e de luxo” (n. 67 f).

Será realmente possível, para os sacerdotes seculares, viver segundo este alto ideal a virtude da pobreza, sobretudo no mundo tão materialista que nos circunda e que nos contagia? É como perguntar: será possível aspirarmos hoje a uma vida profunda de união com Deus e de dedicação constante às almas? Nas nossas horas melhores, sentimos o Senhor a convidar-nos, como a Filipe, a Mateus e ao jovem rico: “Segue-me”. Apoiados na sua graça, também acabamos por responder: “deixando tudo, seguiram-no”. Sabemos que “a conversão é coisa de um instante. – A santificação é obra de toda a vida”<sup>16</sup>.

Animemo-nos considerando as gratas consequências da vivência da virtude da pobreza. Em primeiro lugar, a alegria do desprendimento para saborear a intimidade com o Senhor, como manifestava S. Francisco, aceitando as incomodidades e as privações que possam surgir. “Aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei viver na pobreza e sei viver na abundância. Estou acostumado a tudo: a estar saciado e a passar fome, a ter abundância e a sofrer penúria” (*Flp* 4, 11-13). Quem está apegado às coisas, anda sempre ansioso e nada o satisfaz; quem está desprendido delas, a mínima coisa o alegra.

Depois, estar liberto das preocupações materiais torna o apóstolo mais livre para se lançar nos empreendimentos em prol da caridade e do apostolado. Não deixa de estudar com sentido realista os meios necessários para começar e para continuar; mas sente-se com ânimo para solicitar apoio material de amigos e conhecidos, ajuda que não é para si, mas para obras louváveis; e, confiado na Providência divina, é audaz – na senda seguida, entre outros, pelo Santo Cura d’Ars e por S. João Bosco.

### **Alguns testemunhos de sacerdotes**

Graças a Deus, todos nós convivemos com sacerdotes que deram esse testemunho. Os seus exemplos podem ser ideias que cada um verá se lhe ajudam.

---

<sup>15</sup> Cf. SALVADOR BERNAL, *Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, Edições Prumo, Lisboa 1978, pp. 321 e 330.

<sup>16</sup> S. JOSEMARIA ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 285.

Alguns sacerdotes, pelo menos quando jubilados, distribuem os seus bens pelos familiares, Seminário, obras de apostolado ou de caridade em que estiveram empenhados, procurando que lhes fiquem assegurados os cuidados de saúde, e levam uma vida sóbria, ao mesmo tempo que continuam a colaborar segundo a sua disponibilidade. Estes, quando recebem ofertas, não querem voltar a guardar coisas, e procuram dar-lhes destino quanto antes.

Outros – para não se deixarem levar por capricho ou vaidade – não deixam de ouvir a opinião de um familiar ou amigo à hora de fazerem uma despesa extraordinária, como uma viagem de férias, a compra de um automóvel ou de uma casa. Por vezes, em lugar de terem o dinheiro a crescer nos Bancos em depósitos a prazo, preferem colocá-lo sem juros em empreendimentos de carácter apostólico ou caritativo.

Algum pároco prefere ficar dependente da sua paróquia, superintendendo na administração dos bens paroquiais, confiada a paroquianos responsáveis. Retira daí o que necessita, justificando as suas despesas habituais e consultando as despesas extraordinárias. Reserva para si o destino a dar aos estipêndios de Missas e às ofertas pessoais, normalmente para o culto divino e obras de apostolado ou de caridade. Aceita agradecido qualquer oferta pelo seu trabalho ministerial, e colabora mesmo se nada recebe.

Encontram-se sacerdotes que ensaiam uma certa vida em comum – como é recomendado pela Igreja desde sempre (cf. *PO*, 8 c; *Directório*, cit., n. 29) –, vivendo em conjunto, apoiando-se humana e sobrenaturalmente, ajudando-se no ministério pastoral. Naturalmente, este modo de vida requer especial sintonização de amizade e de temperamento, e pressupõe um desprendimento ao modo da Igreja primitiva (cf. *Act* 2, 42-47).

Vou terminar evocando o testemunho deixado por um sacerdote desta diocese, falecido há um ano com 93 anos, o Cón. José de Oliveira Rosa. Como anotou o Vigário Geral, além da sua dedicação ao trabalho na Câmara Eclesiástica, “atendendo com grande atenção, simpatia e diligência sacerdotes e outros fiéis”, “impressionava também a sua generosidade: desprendido em relação aos seus bens e a si próprio nada regateava sempre que via uma oportunidade para se dar e dar do que tinha”<sup>17</sup>. Comprovamos como a disponibilidade para a atenção sacerdotal está em função do desprendimento das satisfações materiais.

Que Nossa Senhora de Fátima, Mãe bendita e amorosa dos sacerdotes, continue a cuidar de nós como do seu Filho Jesus, animando-nos à generosidade no nosso ministério de pregação e sacramental, ao recordar-nos simbolicamente as necessidades dos fiéis: “Não têm vinho!”

(*Celebração Litúrgica*, 2010/2011, 1 [Dez 2010/Fev 2011], pp. 10-18;  
2 [Mar/Abr 2011], pp. 407-413)

---

<sup>17</sup> ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CANONISTAS, *Boletim Informativo 2010*, Lisboa 2010, p. 87.